




May 2011

Livros Norte-Americanos de Historia da Educação no Brasil: Origem e Orientação dos Textos do Século XIX [American Books on the History of Education in Brazil: The Origin and Orientation of Texts Published in the XIX Century]

Karl M. Lorenz
Sacred Heart University

Follow this and additional works at: http://digitalcommons.sacredheart.edu/ced_fac

 Part of the [International and Comparative Education Commons](#), [Social and Philosophical Foundations of Education Commons](#), and the [Teacher Education and Professional Development Commons](#)

Recommended Citation

Lorenz, K. Livros norte-americanos de história da educação no Brasil: origem e orientação dos textos do século XIX. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, 5, 2008, Aracaju. *Anais...* Aracaju, Brasil, nov. 2008 (CD-ROM).

This Presentation is brought to you for free and open access by the Isabelle Farrington College Of Education at DigitalCommons@SHU. It has been accepted for inclusion in Education Faculty Publications by an authorized administrator of DigitalCommons@SHU. For more information, please contact ferribyp@sacredheart.edu.

Livros Norte-Americanos de Historia da Educação no Brasil: Origem e Orientação dos Textos do Século XIX

Karl Lorenz, Ed.D.
Sacred Heart University, U.S.A.
lorenzk@sacredheart.edu

O poeta e naturalista alemão, Goethe, foi o primeiro de usar a palavra *Zeitgeist* para se referir às convenções do pensamento e às suposições não questionadas e implícitas na cultura. As crenças de um povo, ou de uma comunidade profissional, constituem parte do *Zeitgeist* ou “Espírito da Época”, e são representadas na literatura nacional do povo. Nossa proposição é que o livro didático é um veículo que também revela as crenças do autor ou da comunidade intelectual sobre sua área de especialização, da sociedade e de sua cultura. Nossa convicção é que as crenças precedem e muitas vezes definem os comportamentos do professor em sala de aula e as crenças eventualmente adquiridas pelos alunos.

O autor do texto escolar compartilha as crenças de sua sociedade e de sua área de especialização, implícita ou explicitamente, através de sua narrativa. Citamos o trabalho de Dr. Ruth Miller Elson, *Guardiões da Tradição*, que é um dos estudos mais completos sobre os valores culturais do povo americano representados em textos escolares. Com base em uma análise de mais de mil livros didáticos do ensino primários do século XIX, Elson identificou vários temas sobre “americanismo” adotados nos livros. Entre eles, pode-se destacar: as riquezas naturais dos Estados Unidos provêm da bondade de Deus; A vida rural é nobre e a vida urbana é degenerada; Só o conhecimento prático tem valor; É mais importante desenvolver o caráter moral do que o intelecto; A iniciativa, a persistência, a frugalidade e a honestidade criarão o bem-estar econômico; A raça Caucasiana é a mais perfeita, os índios são selvagens, os espanhóis cruéis e os portugueses indolentes. Um aspecto importante do trabalho de Elson é sua afirmação de que os autores, membros da mesma comunidade, difundem os valores culturais nos livros.

“É inquestionável que as crenças, ou o *Zeitgeist* de Goethe, manifestas nos textos escolares podem ser transmitidas de uma comunidade educacional para outra. Quando textos escolares de um país são adotados por outro, sua visão e maneira de apresentar os conteúdos são também transferidas. Por isso, uma análise do livro didático e seu contexto histórico pode revelar os paradigmas que governam a percepção dos fatos relacionados pelo autor.

A pesquisa sobre a trajetória do ensino da História da Educação no Brasil no século XIX também demonstra este fenômeno. Confirma-se que a institucionalização da história da educação como disciplina escolar foi marcada pela presença de livros didáticos desta área oriundos do exterior, tais como da França e dos Estados Unidos. Enquanto a presença das obras francesas tem sido discutida (BASTOS, 2009; NOVOA, 1994) o mesmo não acontece com as obras norte-americanas. Neste empreendimento, o que mais interessa são a origem dos textos norte-americanos oitocentistas que circularam no Brasil, e a transmissão aos grupos intelectuais brasileiros da maneira de abordar os fatos históricos representados nas obras. Tal informação tem como matriz a História Cultural e se inscreve na linha de investigação que explora a transmigração de idéias, de práticas e de políticas educacionais entre os países.

Uma recente publicação editada pela Universidade de Uberlândia e organizada por Gatti Junior e Bastos (2009) fornece informações sobre os livros-texto estrangeiros de História da Educação encontrados no Brasil nos séculos XIX e XX. Com referência ao século XIX, artigos escritos por Gatti Jr. (2009) e Bastos (2009) identificam alguns livros norte-americanos que foram conhecidos no Brasil na época. Entre eles, constam as obras de Barnard: *German Teachers and Educators* (1863); de Hailman: *Telve Lectures on the History of Pedagogy* (1874); de Painter: *A History of Education*; de Payne: *Lectures on the History of Education* (1893); de Quick: *Essays on Education Reformers* (1890); e de Davidson: *A History of Education* (1900). Estes textos constituíram parte de um acervo de obras norte-americanas acessível aos brasileiros oitocentistas. Este trabalho tem por objetivo estudar estas publicações.

Nossa análise começa com uma discussão breve sobre o desenvolvimento da História da Educação como disciplina nas instituições pós-secundárias nos Estados Unidos a partir de 1838, e o aparecimento do livros-texto da área que começaram a surgir a partir de 1842. A seguir, são discutidos os textos de “História Geral de Educação” que apareceram no Brasil no século XIX de acordo com as obras oitocentistas identificadas nos trabalhos de Gatti Junior e Bastos no livro *Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional* (2009).

A relevância deste trabalho reside em sua contribuição à linha de investigação que explora a transplantação de práticas, políticas, e filosofias de um país para outro. O estudo sugere que através dos livros-textos norte-americanos, duas orientações, prevaletentes nos Estados Unidos com respeito ao ensino da história da educação, foram introduzidas no Brasil por meio desses materiais didáticos.

O Ensino da História da Educação

Para desvelar a visão da História da Educação que os livros norte-americanos transmitiram para o Brasil, é importante entender o contexto dentro do qual a matéria evoluiu nas instituições escolares norte-americanas, e o papel destas obras na formulação do conceito sobre sua natureza e seu ensino.

A “História da Educação” como estudo consagrado nos Estados Unidos tem sua origem no estabelecimento de instituições de formação do professorado no século XIX. A expansão do ensino primário público na primeira metade do século foi acompanhada por uma reavaliação da necessidade de preparar professores qualificados. Informações provenientes de países europeus, particularmente da Prússia, convenceram os governos dos Estados americanos que era possível integrar a política de escolarização universal com a de profissionalização do magistério primário. As autoridades reconheceram que não era mais aceitável deixar o ensino das crianças nas mãos de professores mal-preparados; ao contrario, todos os aspectos do ensino primário, inclusive a atuação docente, deveriam acatar aos critérios estabelecidos pelos Estados.

É geralmente aceito que a História da Educação, como disciplina escolar, originou nos Estados Unidos com a proposta de ensino normal de Calvin Ellis Stowe (1802-1886) em 1838. Naquele ano o reverendo Stowe, professor de Grego e Literatura da Bíblia, submeteu à legislatura do Estado de Massachusetts um plano para a criação de uma escola normal publica. O relatório foi elaborado após uma viagem em que Stowe observara a organização e funcionamento das escolas primárias e escolas normais na Inglaterra, Escócia, França, Prússia, e em vários Estados de Alemanha.

Em seu relatório, *Normal Schools and Teachers' Seminaries*, Stowe propôs um programa de ensino normal que atribuía grande ênfase à história da educação. Stowe apresentou uma definição da matéria, que seria incorporada nos pensamentos de estudiosos nas décadas a seguir. Segundo ele, o estudo da História da Educação compreende,

um delineamento preciso dos sistemas educacionais de idades e nações diferentes; as circunstâncias que resultaram no seu estabelecimento; os princípios que os fundamentaram; as finalidades que pretendiam lograr; seus êxitos e fracassos; suas permanências e mudanças; até que ponto influenciaram o caráter individual e nacional; até que ponto surgiram de um plano premeditado dos seus fundadores; se asseguraram a inteligência, a virtude, e a felicidade do povo, ou suas aspirações, etc. (STOWE, 1851, p. 124).

Nos anos 50 e 60 a matéria figurou nos programas de ensino num grande número de Escolas Normais. De acordo com o conceito de Stowe, caracterizou-se como um estudo compreensivo e geral, servindo como uma introdução ao estudo maior da educação e abrangendo a educação desde a Antiguidade até o século XIX. Conforme relatórios de levantamentos conduzidos na virada do século, foi confirmada a presença ubíqua da História da Educação nos cursos do magistério.

Ao mesmo tempo em que o número de escolas normais aumentou, e particularmente a partir da década de 1880, começaram a surgir cursos do ensino Normal, ou seja, “cursos normais”, em universidades particulares e Estatais. O reconhecimento da importância e o sucesso das Escolas Normais confirmaram o valor, as vantagens e a viabilidade quanto ao estabelecimento de ensino Normal nas instituições superiores -- especialmente as voltadas para a preparação de professores secundários, uma categoria docente geralmente desatendida pelas Escolas Normais.

O final do século XIX testemunhou um aumento no número de cursos Normais e Departamentos de Educação nas universidades norte-americanas. Justamente no período de 1890 a 1900, muitas universidades introduziram ou transformaram seus cursos Normais em “Departamentos de Pedagogia” e “Departamentos de Educação”. Essas entidades administrativas emergiram como reflexo da compreensão de que a Pedagogia, como matéria do ensino superior, era um estudo demasiado restrito; que existam outros conhecimentos e práticas relacionados ao magistério que precisavam ser trabalhados nas universidades.

Com o passar do tempo, os cursos normais e os Departamentos de Pedagogia assumiram um papel mais definido e pronunciado na formação de educadores, não só de professores de primeiro e segundo graus, mas também das classes especializadas tais como professores do ensino normal, professores universitários, diretores de escolas, supervisores educacionais, professores do ensino vocacional, etc. A expansão do treinamento nos cargos educacionais diferenciados respondeu a necessidade de preparar pessoal especializado para atender o crescente número de alunos.

Na medida em que as universidades se envolveram com o Ensino Normal, e estenderam seu alcance aos cursos educacionais de pós-graduação, especialmente nas décadas de 1880 e 1890, a história da educação se transformou num campo de investigação que abrangia mais e diversificados estudos. Uma onda de pesquisas realizadas nos primeiros anos do século XX confirmaram a proliferação da matéria nas Escolas Normais em todo o país. As pesquisas oficialmente confirmaram o que muitos educadores informalmente haviam observado: que a

Historia da Educação era um dos estudos mais valorizados nos cursos profissionalizantes do magistério.

Entre 1895 e 1913, a História da Educação foi a mais indicada no rol de disciplinas. Quando se reflete sobre os resultados dos levantamentos que investigaram a expansão do número e variedades de ofertas educacionais nas instituições pós-secundárias, as palavras de A. O. Norton, sobre o estado de arte da História da Educação na virada do século XIX para o XX, são particularmente aptas: “Os dias pioneiros da matéria estão chegando ao fim. A comemoração do quarto-centenário de sua introdução evidencia a matéria muito disseminada nas universidades; conta com vários títulos respeitados; o número de alunos tem aumentado bastante; os recursos para seu estudo são mais acessíveis; e, finalmente, a nova conceituação da matéria promete torná-la mais valiosa para o futuro professor” (1904, p. 447).

Linhas Temáticas

A expansão do ensino de História da Educação nas instituições pós-secundárias foi acompanhada por um aumento no número de livros escolares da área. O aparecimento destas obras, no entanto, não demonstrou uma trajetória uniforme. A divulgação dos livros não foi caracterizada por uma progressão aritmética, como evidenciada na introdução das disciplinas de História da Educação nos currículos das instituições pós-secundárias. Ainda mais, os textos adotados apresentaram visões diferenciadas quanto à representação da área. Diversas interpretações da História da Educação foram evidenciadas nos livros e nas disciplinas históricas oferecidas nas instituições educacionais entre 1838 e 1900. Uma revisão de livros citados por Gatti Jr. (2009) e Bastos (2009), que circulavam no país no século XIX distingue duas abordagens principais quanto à representação da História da Educação.

Linha 1: Grandes Homens e Grandes Idéias

Atribuía grande importância ao ensino clássico na Europa no século XIX. O ensino se baseou nas idéias da antiguidade para desenvolver o corpo, intelecto e espírito do aluno; para definir a moralidade individual e estabelecer um sistema ético; explicar os fenômenos da Natureza, e revelar a relação especial do Homem como o Divino. As ideais e reflexões provenientes das grandes civilizações do passado, especialmente da Grécia e da Roma, poderiam orientar o homem moderno em seu desenvolvimento e no exercício de suas tarefas cotidianas e profissionais.

Ficou lógico, então, que neste século educadores norte-americanos que promoveram a incorporação da História da Educação como disciplina nos cursos do magistério, também vasculharam os documentos da antiguidade para identificar os conhecimentos e as perspectivas que poderiam estruturar a matéria. Como argumentado por Calvin Stowe em 1838, o estudo dos sistemas educacionais de civilizações antigas podia revelar os melhores métodos de ensino a serem adotados e, ao mesmo tempo, os piores métodos a serem evitados. Seu conceito sobre a importância das idéias da antiguidade no preparo de professores foi consoante com as percepções de seus contemporâneos norte-americanos e com as idéias oriundas de Europa, e particularmente, da Prússia, que servia como modelo segundo Stowe.

O primeiro levantamento sistemático sobre esta temática nos Estados Unidos seguia a orientação delineada por Stowe. Em 1842 Henry Immanuel Smith (1806-1889), professor de línguas modernas e de Literatura Alemã, publicou seu *History of Education, Ancient and Modern*, que foi baseado na obra *Erziehungslehre* (1802) de H. Christian Schwarz. O pequeno livro de Smith, que foi muito bem recebido, descreveu os sistemas educacionais desde as sociedades Antigas até os do século XIX, exaltando a moral cristã em seu tratamento.

Após a publicação da obra de Smith, a História da Educação recebeu pouca atenção pela indústria editorial americana; poucos livros compreensivos da matéria foram publicados antes da década de 1860. Em seu lugar circulavam obras que contavam as histórias de instituições individuais, como *An Historical Sketch of Columbia College* (1846) de Nathaniel Moore.

Foi Henry Barnard (1811-1900), professor de Columbia University e o primeiro Diretor Nacional de Educação nos Estados Unidos (*Commissioner of Education*), que deu um grande impulso a disseminação de conteúdos do teor histórico sobre a educação. Barnard fundou e organizou os 31 volumes do *American Journal of Education*, com cada fascículo contendo entre 700 e 800 páginas. Entre 1858 e 1881, o *Journal* divulgou mais que 650 peças literárias que abordaram uma grande variedade de assuntos de interesse para a comunidade educacional nacional.

Quase um terço do espaço do *Journal* foi alocado às contribuições históricas. Sua coleção de fontes primárias e de secundárias foram inéditas. O *Journal* de Barnard apresentou uma vasta quantidade de literatura no vernáculo a respeito a história de educação nos Estados Unidos e no exterior. De interesse particular, constaram inúmeros trabalhos de história da educação escritos por autores alemães, vertidos em inglês. Cabe notar, por exemplo, que os primeiros dois volumes da obra de von Raumer foram traduzidos e publicados em 1863 no *Journal* sob o título *German Educational Reformers*, com uma versão expandida, *German Teachers and Educators*, aparecendo em 1878. É sugerida que a edição original foi conhecida no Brasil. Por ser o transmissor principal dos trabalhos alemães aos Estados Unidos, Barnard, mais do que qualquer outra pessoa nesse período que contribuiu para o conceito da história da educação prevalecente na época (BRICKMAN, 1979, p. 66-67).

Mas, Barnard não ficou responsável somente pela disseminação de informação histórica educacional nos EEUU antes de 1875, mas também popularizou a visão da natureza da “História da Educação” promovida por Stowe. Barnard re-imprimiu a proposta de Stowe no *American Journal of Education*, e assim dessa maneira, contribuiu ao acréscimo na popularidade do tópico de História da Educação no século XIX. Segundo os dados fornecidos pela Diretor Nacional de Educação nos Estados Unidos em 1913, a matéria História da Educação foi uma das disciplinas mais ofertadas nos Estados Unidos, entre 32 identificadas, nos cursos de formação para o magistério. Travers, refletindo-se sobre esse fato, concluiu que “os líderes educacionais deste período mantiveram, no mínimo, a posição que os professores devem adquirir (em princípio) o acúmulo dos conhecimentos educacionais antes de tomar uma posição inteligente quanto assuntos escolares ou quanto práticas docentes” (1969, p. 86).

A influência de Barnard é observada na publicação dos *Essays on Educational Reformers* por Robert Hebert Quick (1831-1891) no final dos anos sessenta. O autor escreveu o seguinte no prefácio de sua obra: “Com respeito à história da educação não somente livros bons, mas todos os livros estão escritos na língua alemã ou outras línguas estrangeiras”. Quick, neste trecho, revela sua admiração para com a literatura educacional alemã e o papel desempenhado na montagem de seu livro. Os *Essays*, originalmente publicado em 1869 e reeditado em 1890 – a segunda versão circulava no Brasil -- foi em grande parte baseado no trabalho de três volumes

intitulado *Geschichte der Padagogik vom Wiederaufbluhen klassischer Studien bis auf unsere Zeit* (1847) da autoria do alemão Karl von Raumer (1779-1842).

Em 1859, o volume IV da obra de Von Raumer, intitulada *German Universities*, foi traduzido para o inglês. O livro é notável por ter dedicado grande parte de sua narrativa as biografias dos líderes educacionais que articularam os ideais de suas épocas com respeito à educação. A obra de Von Raumer foi “uma das mais completas historias acessíveis aos estudantes de educação antes do trabalho traduzido de Gabriel Compayré, *History of Pedagogy*, publicado por W. H. Payne em 1880” (CHAMBLISS, 1979, p. 97).

Conforme a *Cyclopedia of Education* de Paul Monroe (1912, p. 295), o trabalho de von Raumer, mais do que qualquer outro, exerceu uma influência decisiva sobre as historias de educação escritas em inglês, servindo como modelo para eles desde a década de 1860 até 1910. Muita da literatura sobre o assunto escrita a partir da década de 1860 assimilou a visão e muitos dos conceitos da obra de Raumer (CHAMBLISS, 1979, P. 97). A aceitação da perspectiva promulgada por Raumer em seu trabalho sobre a história da educação pelos autores americanos se devia ao fato que os estudiosos manifestaram pouco interesse em traçar o desenvolvimento da educação no sentido amplo, isto e, como um ramo da história da civilização; ao invés, preferiram focalizar nas idéias e teorias de eminentes personagens do passado (MONROE, 1912, p. 296).

O efeito da obra de von Raumer é evidenciado nos *Essays on Educational Reformers*, em que Quick reproduzia, em inglês, a tese do autor alemão que o pensamento educacional do passado poderia direcionar as práticas modernas. O trabalho, que foi originalmente publicado em 1868 e expandido e reeditado em 1890 – esta segunda edição sendo conhecida no Brasil -- esteve repleto com detalhes sobre varias teorias e praticas educacionais desde o Renascimento ate o presente. Ao desenvolver sua tese Quick, como exemplo, contrasta a “educação velha” do Renascimento com a “educação moderna” representada por pensadores originais como Locke, Rousseau, Pestalozzi, e Froebel, que deram maior atenção ao ser humano do que o conhecimento transmitido em sala de aula (CHAMBLISS, 1979, p. 116-117). Os trabalhos de Quick e von Raumer constituíram exemplos de uma categoria de literatura educacional que exercia uma profunda influencia sobre autores e educadores americanos responsáveis pela tarefa de organizar currículos profissionalizantes do magistério.

Logo após a publicação da obra de Quick, textos originais da Antiguidade foram editados com mais frequência, chegando a constituir um imponente gênero da literatura educacional. A. O. Norton (1904, p. 445) tomou nota desse acontecimento e observou que desde 1879 “tem sido uma tradução diligente e coleção de traduções existentes, de importantes trabalhos educacionais da língua grega, latina, francesa, e alemã”, tornando acessível, dessa forma, as idéias de Platão, Aristóteles, Plutarco, Cícero e Quintiliano. Também foram reproduzidas, no vernáculo, obras mais contemporâneas de figuras como Comenius, Rousseau, Froebel e Herbart. Muitas vezes estes livros eram compilações de trechos originais reunidos num único volume intitulado *History of Education*. Às vezes trabalhos focalizaram determinados tópicos e períodos, escritos numa maneira interpretava e erudita. Norton (1904, p. 444-445), ao refletir sobre a literatura histórica, considera um fator decisivo na disseminação das idéias históricas de grande porte foi o aumento na eficiência das bibliotecas em descobrir, coletar, organizar e disponibilizar um imenso numero de livros, panfletos e outro material escrito.

Linha 2: A Historia e o Progresso Humano

Por três quartos do século XIX a Alemanha produziu um grande número de livros de história extraordinários que conceituaram a história escrita como um registro do progresso da humanidade, e em que a marcha humana para um estado de maior perfeição foi guiada pela Divina Providência. A história da educação, dentro deste conceito, foi entendida como uma extensão da história da raça humana. Este conceito racionalista da história foi bem articulado pelo alemão D. L. Kiehle:

A história é um registro do progresso das raças, da civilização – progresso em melhorar as condições sociais e a utilização de materiais da natureza para a melhoria das condições humanas. Presume que as raças demonstram uma tendência para a maturidade e um fim frutífero tão natural quanto a semente se torna uma planta, e uma criança se torna um adulto (CHAMBLISS, 1994, p. 28).

A história da educação, neste contexto, foi considerada como uma extensão da história da marcha da civilização e, assim, era, de fato, um recorde da evolução do progresso humano e dos esforços do Homem de adquirir um estado de maior perfeição.

A expansão do acesso às fontes primárias e secundárias, facilitada pela divulgação do *American Journal of Education*, organizada por Henry Barnard entre 1858 e 1873, e obras alemãs, contribuiu não só à continuação da abordagem biográfica mais também ao aparecimento de uma conceituação alternativa da matéria na década de 1880. Chambliss (1979) explica que este novo enfoque tomou como base a proposição que os sistemas educacionais e os pensamentos de eminentes homens letrados do passado revelam a Providência Divina nas transações humanas; ou seja, uma intervenção divina na vida do Homem, garantindo progresso na marcha para um estado de maior perfeição. A História da Educação, nesta perspectiva, era uma ciência interpretativa que fundamentava as explicações dos acontecimentos históricos num paradigma racionalista de Progresso. Como Norton (1904, p. 446) havia notado, é por isso que a história da educação foi entendida mais como um estudo filosófico do que histórico, propriamente dito, explicando por que no amanhecer do século XX a matéria foi lecionada por professores de filosofia e ofertada nos Departamentos de Filosofia de instituições superiores.

Diversas obras infundidas com esta perspectiva filosófica constituíram a literatura básica nos Estados Unidos, algumas notáveis sendo publicadas entre 1873 e 1888. O livro de Hailman, os textos de Compayré, vertidos em inglês por Payne, e os trabalhos originais de Painter, Payne e Davidson solidificaram essa visão histórica (CHAMBLISS, 1979, 1994).

O primeiro texto deste grupo é *Twelve Lectures on the History of Pedagogy*, organizado em 1873 por William Nicholas Hailman (1836-1920). A obra pequena reuniu uma dezena de leituras dadas por Hailman no Cincinnati Teachers Institute, no Estado de Ohio. O livro, que deveria ser utilizado nas Escolas Normais do país, foi bem recebido devido a sua brevidade e tratamento sucinto de uma ampla variedade de tópicos históricos, tais como os sistemas educacionais da China, de Japão, do mundo antigo e da cristã, e dos pensamentos de estudiosos como Bacon e Froebel. Hailman aproveitou das fontes primárias publicadas no *American School Journal de Barnard*, de fontes primárias e secundárias alemãs, e dos escritos originais dos educadores referenciados por ele. A característica que mais marca sua obra era o tema que percorria por todo o texto, que “a história de educação seria uma história do desenvolvimento da raça humana” (BRICKMAN, 1979, p. 75-76).

Seguiam, no final da década de oitenta, um conjunto de trabalhos que também foram influenciados por trabalhos do exterior. Em 1886 William Harold Payne (1836-1907) traduziu

para o inglês duas obras do francês Gabriel Compayré (1843-1913), e os publicou sob os títulos *The History of Pedagogy* (1888) e *Lectures on Pedagogy, Theoretical and Practical* (1887). Na opinião de Payne, os dois textos apresentavam a melhor interpretação disponível sobre a história, teoria e prática da educação. Os três enfoques, com o histórico servindo como introdução aos outros dois, objetivaram organizar todo o pensamento pedagógico numa forma racional (CHAMBLISS, 1979, p. 118). Harold Payne também publicou um trabalho do mesmo gênero e no mesmo ano, intitulando-o *Contributions to the Science of Education*.

Outro trabalho do gênero racionalista alemão foi a *History of Education*, publicado em 1886 por Franklin Verzelius Newton Painter (1852-1931). O tomo pequeno expressou uma crença otimista no conceito germânico de “Progresso” em que “Deus esta guiando o mundo, num processo gradual e sem interrupções, para um estado de maior inteligência, liberdade e bondade [...] O progresso humano é um fato”. Em seu trabalho Painter expressa sua crença na superioridade das idéias cristãs sobre as da antiguidade pré-cristã. Painter sumariza seu ponto de vista a respeito à educação quando declara, “As leis que governam o desenvolvimento humano tem sido verificadas, e agora oferecem uma direção ao nosso ensino” (CHAMBLISS, 1979, p. 113).

Em 1900, uma data importante no estudo da área, Thomas Davidson (1840-1900) publicou *A History of Education*. A obra popular marcou uma nova fase na historiografia educacional por ser o primeiro trabalho americano que não era exclusivamente biográfica. Davidson ganhou renome por seus estudos das idéias humanísticas-clássicas. Davidson era imbuído com uma paixão para desvendar o significado dos discursos filosóficos da Antiguidade. Escreveu ensaios interpretativos sobre a educação grega, e sobre a de Rousseau, sempre se empenhando em vincular as ideais Antigas -- da Grécia, por exemplo -- com o ensino moderno nos Estados Unidos (CHAMBLISS, 1979, p. 98). Nesse empreendimento acreditava que o desenvolvimento educacional de uma sociedade era uma manifestação da evolução humana.

Comentário Final

A proposição fundamental desta análise é que a adoção ou até a circulação de obras de História da Educação não só transmitiram fatos históricos organizados, mas também perspectivas sobre o que deve ser o ensino da história da educação. Por um lado, nossa discussão salienta duas linhas de pensamento: a primeira apresenta a história da educação pelos pensamentos de eminentes pensadores do passado, citando suas próprias palavras como a matéria prima do texto. A. O. Norton, em sua exegese dos conteúdos comumente expressos na história de educação, observou o mesmo em 1904, apontando os *German Educational Reformers* (1863) de Von Raumer e os *Essays on Educational Reformers* (1868) de Quick como obras representativas deste estilo literário.

Outra linha interpreta fatos históricos como evidência da intervenção divina na vida do Homem, com intuito de levar o Homem para um estado maior de perfeição. Neste caso, a história educacional é um recorde de progresso humano. Esta perspectiva originou-se com a filosofia natural proveniente da Alemanha e que foi refletida, em uma forma ou outra, no último quarto do século, por obras de Hailman, Payne, Painter e, em menor escala, de Davidson.

Qualquer que sejam os livros adotados nas disciplinas de História da Educação nas instituições preparatórias do magistério, a cultura Americana no século dezenove geralmente desvalorizava a especulação e, em contrapartida, priorizava o pragmatismo e o utilitarismo.

Houve aqueles que rejeitaram o caráter filosófico da história naturalista alemã por considerar que não estava relacionado às necessidades imediatas de uma sociedade e nação em ascensão. Uma abordagem histórica, fundamentada nos ideais clássicos e voltada para a prática docente, foi mais atraente ao caráter americano. Foi por isso que se encontrou nos cursos pedagógicos, em muitas instituições pós-secundárias disciplinas introdutórias que tratavam da história européia desde a Antiguidade até o mundo moderno; ou disciplinas que apresentavam os escritos teóricos de eminentes pensadores ou reformadores do passado, em matérias denominadas “As Obras Clássicas de Educação”, “Os Grandes Educadores” e “Os Grandes Teóricos”.

Por outro lado, é interessante investigar a reação dos educadores brasileiros que também enfrentaram estas duas vertentes de pensamento sobre a história da educação no século XIX. A aparente sabedoria e superioridade dos pensamentos clássicos e uma interpretação em que a Providência guia os acontecimentos históricos são duas perspectivas diferentes da história da educação, e assim cria um dilema para o educador que tem que aderir a uma visão ou outra. Livros do exterior adotados no Brasil que promoviam as duas linhas teóricas não podiam evitar contribuir para este dilema

BIBLIOGRAFIA

BASTOS, M. H. Paroz, Compayré, Rousselot: manuais de História da Educação em circulação no Brasil (Século XIX). In: GATTI JR. & BASTOS, M. H. *O ensino de História da Educação em perspectiva internacional*. Uberlândia: EDUFU, 2009

BRICKMAN, W. “Early Development of Research and Writing of Educational History in the United States”. *Paedagogica Historica*, XX, No. 1, 1979.

CHAMBLISS, J. J. The origins of history of education in the United States: study of its nature and purpose. *Paedagogica Historica*, XIX, No.1 (1979), 94-131.

CHAMBLISS, J. J. The study of history of education in the United States: its nature and purpose, 1900-1913. *Paedagogica Historica*, v.25, no.1, p.27-47, 1994

GATTI JR, D. Investigar o ensino de História da Educação no Brasil: categorias de análise, bibliografia, manuais didáticos e programas de ensino. In: GATTI JR. D. & BASTOS, M. H. *O ensino de História da Educação em perspectiva internacional*. Uberlândia, M.G.: EDUFU, 2009

LORENZ, K. A História da Educação e o Ensino Pós-Secundário nos Estados Unidos (1840-1910). In: GATTI JR. D. & BASTOS, M. H. *O ensino de História da Educação em perspectiva internacional*. Uberlândia, M.G.: EDUFU, 2009

MONROE, P. A. *Cyclopedia of Education*. Volume Three. New York: MacMillan, 1912.

NORTON, A. O. Scope and aims of the history of education. *Educational Review*, Vol. 27, May, 1904.

NÓVOA, A. M. S. S. *História da Educação*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994

STOWE, C. E. Normal schools and teachers' seminaries. In: Barnard, H. *Normal Schools, and other Institutions, Agencies, and Means Desgined for the Professional Education of Teachers, Part I: United States and British Provinces*. Hartford, CT: Case, Tiffany, 1851.

TRAVERS, P. Calvin Ellis Stowe and the history of education. *Peabody Journal of education*, Vol. 47, No. 2, Sep. 1969.